

Pérolas & Curiosidades (Vol 1)

Reflexões, acontecimentos e aprendizados na caminhada dos irmãos

Autor: GodMakes.com

Relatos, reflexões e curiosidades marcantes vividas na caminhada cristã dos irmãos, com lições, surpresas e detalhes que edificam a fé.

Publicação: 20/abr/2026

Introdução

Este livro nasce de um lugar simples, mas profundamente precioso: a comunhão entre irmãos em Cristo que desejam conhecer mais a Deus, se aprofundar na Sua Palavra e viver um relacionamento cada vez mais verdadeiro com o Senhor Jesus.

O GodMakes é formado por pessoas que se reúnem com esse propósito. Mais do que estudar a Bíblia como um exercício intelectual, buscamos meditar nas Escrituras com o coração aberto, permitindo que a verdade de Deus transforme nossa vida, nossa maneira de pensar, nossas escolhas e nossa caminhada diária. É um espaço de devocional, de aprendizado, de edificação, de oração e de crescimento espiritual.

Como fruto dessa caminhada, o Senhor também tem nos permitido ver algo muito bonito florescer entre nós: testemunhos. Testemunhos de livramento, provisão, cura, correção, consolo, transformação e respostas de oração. São relatos que não apontam para a capacidade humana, mas para a fidelidade de Deus. Este livro reúne parte dessas experiências, registrando aquilo que o Senhor tem feito na vida de pessoas comuns, em situações reais, muitas vezes no secreto, mas sempre com graça, misericórdia e poder.

Além dos devocionais e dos testemunhos, o GodMakes também tem sido instrumento de apoio à missão. Hoje, isso acontece de forma especial por meio do acompanhamento de uma frente missionária em Moçambique, com cuidado voltado a crianças que vivem em situação de necessidade, incluindo apoio com alimentação básica, educação infantil e acompanhamento local. Tudo isso é feito de maneira simples, responsável e com transparência, conforme Deus vai dirigindo cada passo.

Nosso desejo é que este livro não seja apenas uma leitura agradável, mas uma oportunidade de aproximação com Deus. Que, ao ler cada capítulo, você seja lembrado de que o Senhor continua vivo, presente e atuante. Ele ainda fala, corrige, consola, responde, sustenta e transforma. Ele continua alcançando vidas com amor.

Também deixamos aqui um convite sincero. Se você desejar, participe conosco desse caminho. Acompanhe os devocionais, visite o site, conheça melhor os testemunhos, veja o trabalho missionário, compartilhe este material com outras

peças e, se Deus tocar o seu coração, aproxime-se também dessa obra. Há espaço para orar conosco, aprender da Palavra, caminhar em comunhão e apoiar as missões conforme a direção do Senhor.

Que este livro fortaleça sua fé, desperte seu coração e o aproxime ainda mais de Jesus Cristo.

Sumário

A porta estreita!	5
Como orar? Jesus nos ensinou!	9
Sem Bom Senso, a Sociedade Adoece!	13
Frustrado Com Deus!	16
Paixão é uma escolha	21
Uma Alma Salva e o Inimigo Atacou	25
O Perigo da Idolatria Oculta	32
Mas um marmiteix? Por que não dá?	35
Quem é o amigo do Noivo?	37
Bolas de fogo do céu me trouxeram para Jesus!	39
Por que devo perdoar?	41
Quando o orgulho cai, a graça entra!	43
Ajuntando ou espalhando?!	45
Coincidência ou Resposta de Deus?	47

A porta estreita!

Testemunho: Marineide

Em um dos meus momentos no colégio, lancei uma pergunta na sala de aula. Queria levar os alunos a refletirem sobre a porta estreita mencionada por Jesus. Naquele momento, ninguém queria passar pela porta larga. Todos entendiam, de alguma forma, que a porta larga não era o caminho certo. Foi então que um determinado aluno se aproximou e disse: “Mas os gordos não podem passar pela porta estreita.” Aquela pergunta ficou diante de mim, e eu percebi que não se tratava apenas de uma curiosidade de sala de aula. Havia ali uma oportunidade de falar de uma verdade espiritual profunda.



Então eu respondi: justamente, o gordo que está no pecado, esse não passará pela porta estreita. O gordo que vive na maledicência, o gordo que carrega maldade no coração, o gordo que não honra pai e mãe, o gordo que quer matar o seu irmão, esse não passará pela porta estreita. Ele ficou quietinho, me escutando. E eu continuei, porque aquilo precisava ser dito até o fim: o gordo pode passar pela porta estreita, sim, mas o gordo que se limpa em Jesus; o gordo

que deixa o Senhor operar; o gordo que deixa Deus tirar tudo do mal, da dor e de tudo aquilo que o prende. Eu até usei aquela figura forte, como quem fala de uma operação espiritual, porque é isso mesmo que Deus faz: Ele arranca o que está adoecendo a alma. O gordo pode passar pela porta estreita se aceitar a Jesus na hora. Por isso eu disse com firmeza: é pressa. É pressa que Deus quer, irmão. É pressa que Deus quer.

Naquele momento, eu falei de Jesus com autoridade. Eu não estava falando de aparência física, nem de corpo, nem de carne. Eu estava falando da alma. E eu mesma perguntei: vai passar pela porta estreita o gordo físico? A resposta veio viva dentro de mim e também nos meus lábios: vai passar pela porta estreita aquele que aceita Jesus, aquele que é transformado por Ele, aquele que é mudado por Ele. Porque o que vai passar pela porta estreita não é o corpo, não é a carne. O que vai passar pela porta estreita é a alma que for fiel ao Senhor até o dia em que Ele chamar. E, quando essa verdade queimou dentro de mim, eu só pude glorificar ao Senhor e dizer: oh, aleluia.

Depois, já no devocional da manhã, eu compartilhei esse episódio que havia acontecido na sala de aula na noite anterior. Foi por isso que falei de quem estava do outro lado da telinha. Eu sabia que aquela palavra não era apenas para os alunos que tinham ouvido a pergunta na escola, mas também para quem estava acompanhando o devocional e para quem ainda assistiria àquela gravação depois. Meu coração se voltou para essas pessoas, e eu senti um clamor dentro de mim: que quem estivesse do outro lado da tela fizesse suas as palavras de Estêvão; que tivesse coragem de permanecer firme por amor de Jesus, porque o amor de Jesus derramado sobre nós é muito caro. Não é algo pequeno. Não é algo barato. Não é algo para ser tratado com leviandade. Por isso eu dizia que precisamos ter coragem, coragem até de nos colocarmos na posição de sermos apedrejados, se preciso for, mas sem negar o nome do Senhor.

Eu sei que muitos podem dizer: “Olha, Dona Neide estava lá na escola falando de Jesus.” E é assim mesmo que o povo me chama, Dona Neide. Mas isso não me importa. Não interessa. O que eu quero é ser fiel. Eu quero ser como Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, que foram lançados na fornalha de fogo, mas não negaram o Deus Todo-Poderoso. É esse tipo de firmeza que eu desejo para a

minha vida. Não uma fé escondida, não uma fé que recua diante da opinião dos outros, mas uma fé que permanece em pé mesmo quando o preço é alto.

Por isso eu dizia, e continuo dizendo: nós não podemos negar a nossa fé. Nós não podemos baixar a cabeça. Os momentos são finais. Não vamos nos envergonhar do Evangelho, porque ele é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê. Então vamos proclamar. Ainda que venhamos a ser apedrejados, ainda que venhamos a ser excluídos dessa sociedade velha e hipócrita, ainda assim vamos dizer que só o Senhor é Deus. Porque é tempo. É tempo de falar. É tempo de não ficar calado.

Eu falava isso porque entendo que, se a gente parar de falar, o inimigo atropela e vai retirando as almas. Vai tentando arrancar justamente as almas que precisam ir para o Reino, as almas que precisam passar pela porta estreita. E a porta estreita continua sendo o caminho. É por ela que a alma precisa passar. E, se alguém estiver gordo de pecado, Deus vai alinhar. Porque quem vai entrar não é a carne. É a alma. Não é o exterior que define a entrada. É a vida rendida ao Senhor, é o coração limpo por Jesus, é a fidelidade até o fim.

No fundo, era isso que ardia dentro de mim enquanto eu contava aquele episódio no devocional da manhã: não se trata de aparência, mas de arrependimento. Não se trata do peso do corpo, mas do peso do pecado. Não se trata do homem exterior, mas da alma diante de Deus. O convite continua aberto: aceitar Jesus sem demora, deixar o Senhor arrancar o mal, a dor, a maledicência, a violência do coração e tudo aquilo que afasta da presença dEle. Por isso eu falei em pressa. Porque há decisões espirituais que não podem ser adiadas.

E foi assim que aquela pergunta feita em sala de aula se transformou, diante dos meus olhos, em muito mais do que uma simples conversa com um aluno. Tornou-se uma exortação viva sobre pecado, arrependimento e salvação. Tornou-se um chamado para correr para Cristo enquanto ainda há tempo. Tornou-se um lembrete de que a porta estreita continua aberta para aquele que se deixa limpar em Jesus, para aquele que aceita a transformação, para aquele que permanece fiel ao Senhor até o dia em que Ele chamar.

E, ao concluir, meu coração ainda estava firmado nessa certeza: Jesus Cristo, inocente, pagou por todos os nossos pecados. Por isso, ninguém precisa

permanecer do mesmo jeito. Há perdão. Há transformação. Há salvação. Mas é preciso atender ao chamado de Deus com urgência, com verdade e com rendição.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-d76ac706-pt>

Como orar? Jesus nos ensinou!

Autor: Djeimes

Quando eu observo a oração que Jesus nos ensinou, percebo que ela traz uma estrutura perfeita. Não é apenas uma sequência de frases para serem repetidas; é um caminho. É a forma como o próprio Cristo nos ensina a entrar na presença de Deus e a falar com o Pai.

A primeira coisa que aprendo é que, antes de qualquer pedido, devo exaltar o nome do Senhor. Jesus começa dizendo: “Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome.” Isso sempre me chama a atenção. Antes de falar das minhas necessidades, antes de apresentar minhas dores, antes de pedir qualquer coisa, eu preciso reconhecer quem Deus é. Preciso glorificar o Seu nome. Preciso lembrar que estou diante do Santo, do Altíssimo, do Pai que reina sobre tudo.



Depois disso, Jesus me ensina algo ainda mais profundo: submissão. “Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu.” Quando chego a essa parte, entendo que não estou diante de Deus apenas para entregar uma lista de desejos. Estou ali para me colocar em posição de obediência. É como se eu

dissesse: “Senhor, eu estou aqui para Te servir. Seja feita a Tua vontade sobre a minha.” Nesse momento da oração, continuo reconhecendo a santidade de Deus, a Sua grandeza, a Sua magnitude, e coloco sobre mim a vontade dEle. É um gesto de rendição.

Só depois disso é que Jesus me mostra o lugar dos meus pedidos. “Dá-nos hoje o pão para este dia.” Ou seja, eu posso pedir. Eu devo pedir. Posso apresentar diante do Pai aquilo de que necessito. Mas até isso vem depois da adoração e da submissão. Há uma ordem. Há uma sabedoria nisso. E, junto com esse pedido pelo pão de cada dia, vem também o clamor por perdão.

É justamente aí que meu coração fica temeroso.

Há algo nessa oração que sempre me perturbou, e até hoje me faz tremer. Jesus ensina: “Perdoa as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores.” E, logo depois, deixa isso ainda mais claro: se perdoarmos aqueles que pecam contra nós, o Pai celestial também nos perdoará. Mas, se não perdoarmos, há ali uma condicional séria, solene, pesada. Isso me faz pensar profundamente. Porque, no fim das contas, o quanto eu consigo perdoar revela muito sobre como estou diante de Deus.

E o perdão não é algo simples. O perdão é difícil. É um exercício diário. É uma prática que precisa acontecer o tempo todo. Perdoar as pessoas que amo. Perdoar aqueles que erram comigo. Perdoar aqueles que me magoam. Perdoar até quando, por falta de entendimento, eu mesmo me sinto machucado e acabo acusando o outro. O perdão exige vigilância, humildade, renúncia e graça. Porque, se eu não consigo perdoar meu irmão, minha esposa, minha mãe, meus filhos, ou quem quer que seja, como posso esperar o perdão de Deus sobre mim?

Essa verdade conversa com tantas outras passagens das Escrituras. Assim como julgamos, seremos julgados. Com a mesma medida com que condenamos, seremos condenados. Há uma coerência no Reino de Deus. Jesus nos mostra que é dando que se recebe. Damos perdão, e recebemos perdão. Negamos perdão, e endurecemos o coração também diante da misericórdia que esperamos receber. Por isso essa palavra pesa tanto dentro de mim: é uma condicional. É algo que não pode ser tratado com leveza.

Depois disso, Jesus continua nos ensinando a pedir fortalecimento: que não caiamos em tentação e que sejamos livrados do mal. E isso também me ensina muito. Porque vejo que estar longe do pecado vem antes até da preocupação com o mal que pode nos atingir. Primeiro, eu devo clamar para não cair. Primeiro, devo pedir força para permanecer em pé. Primeiro, devo pedir ajuda para não pecar. Só então peço livramento do mal. Essa ordem também revela algo importante: a maior batalha começa dentro de nós, na nossa inclinação, na nossa fraqueza, naquilo que pode nos arrastar para longe da vontade de Deus.

E, no final, Jesus encerra novamente com honra e glorificação: “Pois teu é o reino, o poder e a honra para sempre. Amém.” A oração termina como começou: com Deus no centro. Com Deus sendo exaltado. Com Deus sendo reconhecido como Senhor de tudo. Isso é maravilhoso, porque me mostra que a oração verdadeira não gira em torno de mim. Ela começa em Deus, passa pela minha rendição, apresenta minhas necessidades, confronta meu coração, fortalece minha alma e termina devolvendo ao Senhor toda a honra que sempre foi dEle.

Quanto mais aprendo isso, mais percebo como essa estrutura é a base de toda oração. Jesus realmente nos ensina a orar. E é maravilhoso quando começamos a aplicar isso no nosso dia a dia, não como uma fórmula fria, mas como um caminho vivo de comunhão com Deus.

Mas, se sou sincero, o ponto que mais continua mexendo comigo é o perdão. O quanto eu consigo perdoar todos os dias? O quanto consigo liberar perdão às pessoas que amo? O quanto consigo não guardar ressentimento, não cultivar mágoa, não alimentar feridas? Porque, além de agradar a Deus e de restaurar relacionamentos, o perdão traz paz ao nosso próprio coração. No fim, o benefício também é nosso. Quem perdoa não apenas obedece ao Senhor; também é curado por dentro.

Por isso, o meu clamor é que essas palavras entrem profundamente no nosso coração e nos tragam força para viver isso na prática. Que consigamos perdoar o tempo todo. Que consigamos orar como Jesus ensinou. Que consigamos exaltar, nos submeter, pedir, nos arrepender, vigiar e glorificar. Porque, quando aprendemos a orar da maneira certa, não estamos apenas falando com Deus — estamos sendo moldados por Ele.

Assista: <https://godmakes.com/s/book-3fdaa719-pt>

Sem Bom Senso, a Sociedade Adoece!

Testemunho: Jurandir

Cresci ouvindo que a nossa geração foi menos conservadora que a dos nossos pais, e a dos nossos pais, menos que a dos nossos avós. Mesmo assim, havia uma regra silenciosa que nos guiava: o bom senso. Na escola, além das matérias, aprendíamos educação moral e cívica; conhecíamos os símbolos da nação e, nas coisas pequenas, tínhamos as “palavrinhas mágicas”: por favor, com licença, obrigado. Não era só etiqueta: era um jeito simples de lembrar que o outro existe e merece respeito.

Com o tempo, esse filtro foi se perdendo. A Bíblia me corta por dentro quando diz: “se eu me julgasse a mim mesmo, não seria condenado”. Falta-nos esse autoexame. Não falo apenas de salvação eterna, mas do chão do cotidiano: falar, vestir, reagir, conviver. Em tudo, esquecemos de nos avaliar diante de Deus e do próximo.



Outro dia, vi a cena de um segurança de shopping barrando a entrada de uma moça porque a roupa dela estava curta demais para aquele ambiente. A câmera registrou; ela ergueu o celular e, em vez de ponderar, partiu para ofensas. Em outra ocasião, uma mulher perdeu a paciência numa escola, gritou com alunos, e

quando o segurança tentou acalmar, ela o humilhou diante de todos. O roteiro se repete: a lente do telefone levanta como um escudo, e a razão parece pertencer a quem mais grita, não a quem mais pesa suas atitudes.

Perdemos filtro. Perdemos paciência. Perdemos o hábito de julgar a nós mesmos. A velha lei do bom senso — aquela que nem precisaria ter sido escrita — ensina que, quanto mais público for o lugar, mais conservador deve ser o meu comportamento. Em espaços com muitas pessoas, eu cuido das palavras, da roupa, do tom de voz; olho com carinho para os idosos, para as crianças; respeito o ambiente que é de todos.

Hoje, porém, liberdade foi confundida com “faço o que quero, onde quiser”. Mas isso não é liberdade; é falta de formação, falta de educação social e ética. Em tempos de celular, tudo vira espetáculo. Mesmo quando está errada, a pessoa se filma como se fosse mártir de uma grande injustiça. E o desrespeito se espalha: professores, militares, chefes, pai e mãe — a crise de autoridade alcança cada canto da vida.

Nessas horas, o livro de Juízes ecoa atualíssimo: parece que “não há rei em Israel; cada um faz o que acha certo aos seus olhos”. E, no entanto, existe uma lei silenciosa, a do bom senso, que aponta para algo maior: o temor do Senhor, que nos chama ao respeito e à sobriedade.

Até na academia o assunto virou disputa por vestimentas. Eu nem vou à academia, mas tenho ouvido gente comentar em podcasts: sensualização em excesso, olhares que passam do limite, e a culpa sempre empurrada para o outro. Homens e mulheres, todos nós, precisamos de prudência e pudor. Exibir o corpo não é se valorizar; quase sempre constrange quem está ao redor e empobrece o valor de quem exhibe.

Sei que, ao dizer isso, alguns vão rotular: “lá vem o santarrão”. Não é santarrice; é princípio. E não é apenas um princípio bíblico — embora seja —, mas também ético e humano. O Evangelho me lembra que verdadeiro amor coloca o próximo à frente da minha vontade. Em Cristo, liberdade não é licença para qualquer coisa; é poder para escolher o bem, conter a língua, refrear o impulso, honrar o espaço comum.

Quando deixo Cristo reinar, Ele cura minhas medidas por dentro. A cruz reconcilia meu coração com Deus e com o meu irmão; o Espírito Santo me ensina domínio próprio, mansidão, pudor e respeito. Antes de erguer o celular para provar que tenho razão, eu me examino. Antes de vestir o que afronta, eu me pergunto quem posso ferir. Antes de falar alto, eu lembro das cinco palavrinhas simples que dão dignidade às relações.

Sem bom senso, a sociedade adocece — e eu adoço junto. Mas quando me sujeito ao Rei e amo o próximo, o ambiente melhora, a autoridade volta a ter lugar, e a paz encontra espaço entre nós. Que Deus nos devolva o temor que equilibra a liberdade, e o amor que faz do espaço público um terreno de respeito. Que Ele nos dê um coração que se avalia, para que, em vez de condenação, encontremos vida. Esse é o caminho: arrependimento, fé e prática — luz acesa no meio do barulho do mundo.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-a3170257-pt>

Frustrado Com Deus!

Testemunho: Mario

Eu saí daquela casa com o coração apertado.

Durante sete semanas, fui fiel ao compromisso que havia assumido. Visitei aquela família, falei de Jesus, orei com eles, fiz culto dentro daquela casa e acompanhei de perto tudo o que Deus estava fazendo ali. Era uma família ligada às Testemunhas de Jeová, vivendo suas próprias lutas, seus próprios conflitos, e eu havia me entregado de verdade àquela missão. No fundo, eu já enxergava o desfecho que desejava. Imaginava aquela mulher entrando comigo na igreja, conhecendo os irmãos, ouvindo a Palavra, sendo alcançada de forma ainda mais profunda. Na minha mente, tudo estava caminhando exatamente para isso.

Eu estava animado. Eufórico, até.



Na sétima semana, depois de concluir aquilo que eu havia me proposto a fazer, senti que tinha chegado a hora do convite final. Com alegria, disse que agora gostaria que eles conhecessem a igreja que eu frequentava, a Herdeiros do Rei,

em São Paulo. Eu acreditava que aquele seria o passo natural depois de tudo o que tínhamos vivido ali. Afinal, Deus havia operado, a campanha tinha sido uma bênção, e eu cria que o próximo capítulo já estava pronto.

Mas não estava.

A resposta veio simples, direta e sem rodeios:

— Não, eu não vou na sua igreja, porque eu já tenho a minha.

Naquele instante, fiquei em silêncio. Por fora, não reagi. Por dentro, desabei.

Saí frustrado. Não exatamente com ela, mas comigo mesmo. E, para ser sincero, também com Deus. Eu havia criado um plano, alimentado expectativas, desenhado um resultado. E, de repente, tudo aquilo que parecia tão certo não aconteceu. Fui para a loja carregando esse peso no peito, perguntando ao Senhor por que meus planos não tinham dado certo. Por que, depois de tanto esforço, de tanta dedicação, o final não tinha sido o que eu esperava.

Era como se eu estivesse dizendo a Deus, em pensamento: “Eu fiz tudo certo. Por que o Senhor não completou do jeito que eu imaginei?”

Cheguei à loja por volta das seis e meia da tarde. Eu normalmente fechava às seis, mas minha esposa ainda estava lá. E havia também um rapaz sentado na porta, com um jeito de quem estava perdido, como se esperasse alguma coisa sem saber exatamente o quê.

Eu nunca tinha visto aquele homem.

Ele começou a conversar comigo. Sem rodeios, sem formalidades. Como se já me conhecesse. E, em poucos minutos, começou a abrir a própria vida de um jeito impressionante. Falou de dores íntimas, de tristeza profunda, de pensamentos escuros. Disse que estava tão mal que já havia pensado até em suicídio.

De repente, toda a minha frustração perdeu a voz.

Naquele momento, não havia mais espaço para minha decepção, meu orgulho ferido ou minhas cobranças a Deus. Havia diante de mim uma alma ferida, um homem no limite, alguém que precisava de socorro urgente. Então eu fiz o que precisava ser feito: falei de Jesus para ele.

Falei com simplicidade, mas com fé. Convidei-o para ir comigo à igreja naquela mesma noite. Era quinta-feira, dia de culto. Disse a ele que ouviria a Palavra de Deus, que o Senhor podia transformar sua vida, que ele não precisava continuar naquele estado. E, para minha surpresa — ou melhor, para minha correção — ele respondeu sem hesitar:

— Eu vou. Eu vou com você.

Foi ali, no meio do caminho, indo para a igreja com aquele homem, que algo se encaixou dentro de mim.

Como se o próprio Deus me dissesse, com mansidão, mas também com firmeza: “Não é quem você quer levar. É quem Eu quero trazer.”

Eu havia passado sete semanas insistindo em um resultado específico. Eu queria levar aquela família. Eu queria ver aquela história terminar do jeito que eu havia planejado. Eu queria poder dizer que o esforço produziu exatamente o fruto que eu esperava. Mas Deus, em Sua soberania, estava me ensinando que o Reino não gira em torno da minha vontade, do meu cronograma ou da minha estratégia.

Eu queria conduzir alguém.

Deus já tinha preparado outro.

Enquanto eu lamentava por uma porta que não se abriu, o Senhor já havia colocado um homem na porta da minha loja.

Um desconhecido.

Um homem em sofrimento.

Uma alma pronta.

Naquele dia, entendi com mais clareza que a obra não é movida pela força humana, nem pela insistência da nossa ansiedade. Há coisas que não dependem de quanto queremos, de quanto nos esforçamos ou de quanto imaginamos merecer ver o resultado. Existem momentos em que Deus simplesmente nos chama para obedecer, plantar, servir e descansar. O fruto, o tempo e a direção continuam pertencendo a Ele.

Aquele homem foi ao culto.

E foi uma bênção.

Lembro-me da presença de Deus tocando aquele lugar. Lembro-me dele chorando, quebrantado, profundamente visitado pelo Senhor. Havia algo santo acontecendo ali, algo que eu jamais poderia ter produzido com a minha própria vontade. E, enquanto via aquele homem sendo alcançado, meu coração foi sendo curado da frustração que eu havia carregado horas antes.

Deus tinha respondido.

Só não do meu jeito.

Eu pude entender, então, que muitas vezes nos entristecemos porque confundimos obediência com controle. Achamos que, se fizermos nossa parte com zelo, teremos também o direito de definir o resultado. Mas não é assim. Nossa parte é obedecer, servir, amar, anunciar, insistir em fé. A parte de convencer, atrair, trazer e transformar continua sendo de Deus.

Quem Ele quer, vai.

Na hora que Ele quer, vai.

Do jeito que Ele quer, vai.

E nós precisamos aprender a ficar em paz.

Nem toda porta que se fecha significa fracasso.

Às vezes, significa apenas que Deus está nos impedindo de idolatrar nossos próprios planos.

Naquele dia, eu fui da frustração ao entendimento.

Da cobrança à rendição.

Da expectativa humana à confiança no governo de Deus.

Saí achando que minha missão tinha falhado.

Mas, quando cheguei à loja, descobri que o céu já havia preparado outra história.

Desde então, essa lembrança ficou gravada em mim como um chamado à paz. Faça a sua parte. Ame, pregue, sirva, ore, convide. Mas não carregue o peso de decidir quem virá, quando virá ou como virá. Isso pertence ao Pai.

Ele se encarrega.

E, quando Ele se encarrega, sempre faz melhor do que nós faríamos.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-ac790048-pt>

Paixão é uma escolha

Autor: Samuel

Na vida, eu aprendi que quase todo mundo se apaixona por alguma coisa. Uns se apaixonam por um sonho antigo. Outros se entregam a uma profissão, a uma conquista, a um projeto, a um ideal. Há quem carregue no peito o desejo de vencer, de construir, de chegar mais longe. E, para tudo isso, sempre existe um preço. Sempre existe renúncia. Sempre existe esforço. Ninguém alcança aquilo que ama sem, de alguma forma, sofrer por isso.



Foi pensando nisso que meu coração foi atravessado por uma verdade que eu já conhecia, mas que, mais uma vez, me constrangeu profundamente: a paixão também fala de Cristo.

Quando olho para Jesus, entendo que a paixão não é apenas entusiasmo. Não é apenas gosto. Não é apenas emoção. Paixão também é entrega. É sacrifício. É dor suportada por amor. Cristo não foi para a cruz porque era fácil. Ele não se entregou porque não havia custo. Ele se entregou porque nos amou até o fim. E

esse amor não foi teórico, não foi poético, não foi distante. Esse amor sangrou. Esse amor sofreu. Esse amor se deixou ferir para me alcançar.

Toda vez que penso nisso, algo dentro de mim se cala.

Porque, diante da paixão de Cristo, tantas das minhas desculpas ficam pequenas. Diante do que Ele suportou por amor, tantas das minhas ausências ficam difíceis de justificar. Diante da cruz, minha comodidade perde a força. Meu cansaço, minhas distrações, minhas prioridades tão facilmente embaralhadas, tudo isso é colocado diante de uma pergunta inevitável: o que, afinal, tem governado o meu coração?

Eu precisei reconhecer que seguir a Cristo não pode ser tratado como um detalhe encaixado no tempo que sobra. Não pode ser uma prática sem alma, uma formalidade religiosa, um hábito mantido apenas quando convém. Amar a Cristo exige resposta. Exige movimento. Exige presença. Exige decisão.

E talvez seja exatamente aí que muitos de nós estejamos falhando.

Vivemos dias em que há paixão para quase tudo, menos para Deus. Há energia para correr atrás de metas, para defender preferências, para alimentar desejos, para investir tempo naquilo que satisfaz a carne, a vaidade ou os planos terrenos. Mas, quando se trata de buscar a presença do Senhor, de cultivar comunhão, de parar para ouvir Sua voz, de repartir a Palavra, de nos oferecermos com sinceridade diante dEle, então surgem o desânimo, a demora, a distração, a frieza.

Isso me entristece.

Entristece porque revela o quanto podemos nos acostumar com o que é santo. O quanto podemos tratar o eterno como se fosse opcional. O quanto podemos nos esquecer de que não somos sustentados por nossa força, nem salvos por nossos próprios méritos. Tudo o que temos, tudo o que somos, tudo o que esperamos, depende da graça. E, ainda assim, tantas vezes vivemos como se Cristo pudesse esperar.

Mas Ele não nos chamou para uma fé morna.

Ele nos chamou para o amor. E amor, quando é verdadeiro, se manifesta. Amor se doa. Amor se move. Amor responde. Quem ama, comparece. Quem ama, prioriza. Quem ama, permanece. Não porque está tentando comprar a salvação, mas

porque foi alcançado por ela. Não porque quer parecer espiritual, mas porque foi quebrantado pelo amor de Deus.

É por isso que eu não consigo olhar para a comunhão entre irmãos como algo pequeno. Não consigo tratar os momentos de busca, oração e Palavra como uma agenda qualquer. Há algo santo quando vidas se reúnem em nome de Jesus. Há algo poderoso quando corações se abrem diante da verdade. Há algo vivo quando um fala, outro escuta, outro reparte, outro aprende, outro é fortalecido, e todos, de algum modo, são visitados por Deus.

Isso não é brincadeira. Isso é espiritual. Isso é sagrado.

E talvez alguém que leia estas palavras nunca tenha participado de um momento assim. Talvez nunca tenha entendido que, por trás de uma reunião simples, de uma oração compartilhada, de uma Palavra repartida com sinceridade, existe um mover invisível, mas real. Existe consolo sendo derramado. Existe correção sendo semeada. Existe fé sendo reacendida. Existe vida brotando onde antes havia apenas rotina.

Mas também sei que muitos se afastam aos poucos. Não de uma vez, mas em pequenas ausências. Em adiamentos discretos. Em justificativas repetidas. Em prioridades invertidas. E, quando percebem, já não queimam como antes. Ainda conhecem a linguagem da fé, ainda lembram das verdades do Evangelho, ainda guardam alguma memória da presença de Deus, mas o coração já não pulsa com a mesma entrega.

Por isso, esta não é apenas uma lembrança. É um apelo.

É um chamado para que eu mesmo desperte. Para que eu volte a levar a sério aquilo que o céu leva a sério. Para que eu não banalize a cruz. Para que eu não me esconda atrás da correria, do cansaço ou da indiferença. Para que eu me lembre de que Cristo não me amou pela metade, não se entregou pela metade, não sofreu pela metade.

A paixão de Cristo por mim foi completa.

Então a minha resposta não pode ser fria.

Eu quero que minha vida diga que valeu a pena. Quero que minhas escolhas digam que valeu a pena. Quero que minha presença, minha entrega, minha

disposição de buscar, ouvir, repartir e permanecer digam que o sacrifício de Jesus não passou diante de mim em vão. Quero amar não apenas com palavras, mas com decisão. Quero me levantar quando for mais fácil ficar. Quero me aproximar quando for mais confortável me ausentar. Quero viver uma fé que não seja apenas confessada com os lábios, mas confirmada no modo como escolho estar diante de Deus.

Porque, no fim, paixão é uma escolha.

E eu preciso escolher, todos os dias, se o meu coração ainda pertence Àquele que escolheu sofrer por amor de mim.

Assista: <https://godmakes.com/s/book-c0b8af22-pt>

Uma Alma Salva e o Inimigo Atacou

Testemunho: Mario

Há dias em que eu penso estar apenas seguindo a rotina, mas Deus já decidiu mudar o meu caminho.

Naquela manhã, eu saí de casa como tantas outras vezes. O destino era o de sempre. O compromisso parecia comum. Tudo indicava que seria mais um dia normal entre tantos outros. Mas, de repente, sem perceber, eu tomei a direção errada. Continuei dirigindo por alguns minutos até que uma inquietação me atravessou por dentro. Era como se algo me chamasse à consciência. Parei e pensei: para onde eu estou indo?



Não havia lógica naquilo. Eu conhecia o caminho. Eu sabia exatamente aonde deveria ir. Mesmo assim, eu havia seguido no sentido contrário. Foi nesse instante que uma certeza silenciosa começou a nascer dentro de mim: Deus estava me arrancando da minha agenda para me conduzir ao propósito dEle.

Eu disse à minha esposa que precisava passar na casa da irmã dela. Não sabia explicar direito. Não era um plano. Não era uma ideia bem construída. Era apenas uma percepção profunda de que Deus estava me enviando para lá. E, quando cheguei, entendi que o céu já havia preparado tudo antes mesmo de eu sair de casa.

Minha cunhada estava justamente saindo para me procurar.

Ainda hoje, quando me lembro disso, meu coração se constrange. Porque há momentos em que o Senhor organiza os passos de maneira tão precisa, tão delicada e tão soberana, que toda dúvida se cala. Eu não havia errado o caminho. Eu havia sido redirecionado por Deus.

Foi então que ouvi o motivo.

Uma mulher aflita precisava de ajuda. Seu marido estava internado, entre a vida e a morte. Uma cirurgia que parecia simples havia se complicado. O corpo estava fragilizado, a situação era grave, e, mais do que isso, havia ali uma urgência espiritual. A esposa cria. Ele, não. E naquele leito de hospital, enquanto os médicos lutavam por sua vida, Deus estava lutando por sua alma.

Quando ouvi aquilo, algo queimou dentro de mim. Já não havia espaço para hesitação. Eu sabia por que o Senhor me levava até ali. Não era sobre mim. Não era sobre coincidência. Não era sobre sensibilidade humana. Era Deus correndo atrás de um homem à beira da eternidade.

Fomos para o hospital.

Eu me lembro da tensão do caminho, do peso daquele momento, da sensação de que havia algo muito sério acontecendo invisivelmente diante dos nossos olhos. Do lado de fora, paredes, corredores, enfermeiros, médicos, protocolos. Mas, do lado de dentro, uma batalha muito maior estava sendo travada. E eu sabia que não estava entrando apenas em um quarto de hospital. Eu estava entrando em um campo de guerra espiritual.

Quando finalmente cheguei diante daquele homem, vi um corpo abatido, entubado, sem forças, incapaz de reagir com palavras. Mas os olhos ainda estavam ali. A alma ainda estava ali. E enquanto muitos talvez enxergassem

apenas um quadro clínico grave, eu via uma vida sendo chamada por Deus até os últimos limites do tempo.

Aproximei-me dele com temor.

Não temor dos homens, nem da medicina, nem da circunstância. Temor do que significa carregar uma palavra em nome do Senhor para alguém que pode estar vivendo seus últimos instantes sem Cristo.

Falei com ele da maneira mais simples e mais séria que pude. Disse que Deus me enviara ali. Disse que, se ele cresse, se recebesse a Jesus, sua história não terminaria naquela cama. Disse que o Senhor ainda lhe daria dias, que sairia dali, mas não para continuar vivendo da mesma forma. Sairia dali para servir a Deus.

Ele não podia falar.

Mas, quando perguntei se cria que Jesus Cristo era o Filho de Deus, lágrimas começaram a escorrer de seus olhos. E ele apertou a minha mão.

Há apertos de mão que valem mais do que mil discursos.

Naquele instante, eu não estava diante de um argumento. Eu estava diante de um coração se rendendo. Eu estava vendo a graça de Deus tocar alguém no limite entre a vida e a morte. Continuei falando. Li a Palavra. Fiz o apelo. Chamei aquele homem para a decisão mais importante de toda a sua existência. E mais uma vez, sem voz, sem força, quase sem vida, ele respondeu com lágrimas e com a mão apertando a minha.

Eu orei por ele.

Pedi que Deus escrevesse seu nome no livro da vida. Pedi que aquele quarto deixasse de ser apenas um lugar de dor e se tornasse o cenário de um novo nascimento. Pedi que, se o Senhor lhe concedesse mais tempo, aquele tempo fosse para a glória dEle. Naquele momento, eu senti que algo eterno estava acontecendo. Talvez os céus estivessem em silêncio santo. Talvez os anjos contemplassem. Talvez o inferno estremecesse. Mas eu sabia: uma alma estava sendo alcançada.

Saí dali com o coração cheio daquela gravidade que não se explica facilmente. Quem já viu Deus agir em momentos assim sabe que há experiências que não

cabem em linguagem comum. A gente não sai igual. A gente volta para fora, mas uma parte de nós ainda permanece diante daquele leito, lembrando que a vida é breve, que o inferno é real, que a salvação é urgente, e que Jesus continua chamando pecadores com o mesmo amor com que chamou ontem.

Mas mal eu deixei o hospital, outra notícia me aguardava.

Meu carro havia sido atingido. A porta estava afundada. O responsável fugira.

Por um instante, o contraste quase me feriu. Eu havia acabado de testemunhar a beleza de uma alma se rendendo a Cristo, e logo em seguida me vi diante de um prejuízo, de um dano, de uma afronta. E foi impossível não perceber ali uma realidade que muitos tentam ignorar: toda vez que algo é feito para a glória de Deus, o inimigo se incomoda.

Nem sempre ele ataca da forma que esperamos. Nem sempre será no centro da nossa fé, nem no coração daquilo que acabamos de viver. Às vezes ele toca em volta. Nas margens. Nas finanças. Na família. Na paz. Naquilo que tenta roubar nosso ânimo e transformar obediência em cansaço. Ele quer associar o serviço a Deus ao peso. Quer que a dor nos distraia do milagre. Quer que o dano apague a salvação. Quer que a gente deixe de enxergar o valor eterno por causa da pancada momentânea.

Mas eu me recusei a olhar daquela forma.

Sim, houve prejuízo. Sim, houve dor. Sim, houve ataque. Mas nenhuma porta amassada seria maior do que a alegria de ver um homem dizer sim para Jesus quando já não tinha mais força nem para falar. Nenhum dano material seria capaz de apagar a glória daquele momento. O inimigo poderia até tentar ferir o lado de fora, mas não conseguiria desfazer o que Deus acabara de realizar no invisível.

Três dias depois, a confirmação veio.

O homem recebeu alta. Saiu do hospital. Voltou para casa curado.

Quando soube disso, meu coração se dobrou em gratidão. Porque Deus não apenas salvou aquela alma. Deus também mostrou Seu poder sobre o corpo, sobre a enfermidade, sobre o tempo e sobre toda a desesperança que havia se instalado ao redor daquela família. O que parecia sentença tornou-se testemunho.

O que parecia fim tornou-se recomeço. O que parecia apenas dor transformou-se em anúncio da misericórdia de Deus.

Mais tarde, até mesmo a questão do carro foi resolvida. O responsável foi encontrado e pagou pelo conserto. E nisso também vi a mão do Senhor. Porque Deus não deixa nada fora do Seu controle. Até aquilo que nos fere, Ele sabe tratar. Até aquilo que o inimigo tenta usar para nos abater, Deus é capaz de reorganizar. Mas a grande lição não estava no reparo do carro. A grande lição estava naquilo que tudo isso revelou.

Revelou que a vida cristã não é um enfeite religioso.

Revelou que há batalhas reais ao redor de decisões espirituais reais.

Revelou que comunhão não é luxo, é proteção.

Revelou que orar uns pelos outros não é excesso de zelo, é necessidade.

Revelou que obedecer a Deus pode nos tirar da rota comum e nos colocar exatamente no centro do milagre de alguém.

E revelou, acima de tudo, que uma alma vale muito.

Vale uma mudança de planos. Vale um caminho interrompido. Vale a pressa do céu. Vale a luta. Vale o cansaço. Vale a resistência. Vale até o ataque, porque nada pode se comparar ao valor de ver alguém sendo arrancado das trevas e chamado para a luz de Cristo.

Ao lembrar desse testemunho, eu não penso apenas naquele homem. Penso também em mim. Penso em quantas vezes estou tão preso aos meus horários, às minhas preocupações, aos meus compromissos, que talvez eu não perceba quando Deus tenta mudar a direção do meu caminho. Penso em quantas vezes o céu quer usar a minha disponibilidade, mas eu estou ocupado demais comigo mesmo. Penso em quantas vezes a batalha espiritual é tratada como exagero, quando, na verdade, há vidas inteiras sendo disputadas diante dos nossos olhos.

Por isso, essa lembrança não é apenas sobre um milagre do passado. É um chamado.

Um chamado para que eu vigie mais.

Para que eu escute mais.

Para que eu ore mais.

Para que eu compreenda que servir a Cristo não é brincar de fé, mas entrar conscientemente numa guerra onde só permanecem de pé os que andam em comunhão, humildade e dependência de Deus.

Também é um chamado para aqueles que, aos poucos, foram esfriando. Para aqueles que começaram a faltar não apenas de um encontro, mas da sensibilidade. Não apenas de uma reunião, mas da chama. Não apenas da presença visível, mas da disposição interior de permanecer ligados ao corpo, à oração, ao amor de Cristo e à obra de Deus.

Porque ninguém esfria de uma vez. Ninguém se afasta de repente. Quase sempre começa em pequenas ausências, em pequenos adiamentos, em uma certa autossuficiência, em uma fé que ainda fala de Deus, mas já não treme diante do que é santo.

E eu aprendi que é perigoso caminhar sozinho num campo de batalha.

Precisamos uns dos outros. Precisamos de cobertura. Precisamos de comunhão. Precisamos de gente que ore quando não estamos vendo, de gente que sustente quando estamos indo, de gente que discirna quando a batalha não está explícita, mas já começou. Não porque confiamos nos homens, mas porque Deus decidiu nos fortalecer também por meio do corpo.

Hoje, quando me lembro daquele homem chorando sem conseguir falar, apertando minha mão como quem se agarra à última ponte entre a terra e a eternidade, eu me convenço outra vez de que o Evangelho ainda é urgente. Jesus ainda salva. Jesus ainda chama. Jesus ainda cura. E o inimigo ainda se levanta contra tudo aquilo que glorifica o nome do Senhor.

Mas, se é verdade que a batalha existe, também é verdade que Cristo continua reinando acima dela.

E é por isso que eu sigo.

Mesmo quando há desgaste.

Mesmo quando há luta.

Mesmo quando a obediência traz marcas.

Porque, no fim, nada se compara ao privilégio de ser conduzido por Deus até o lugar onde uma alma está esperando por salvação.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-f7dd8a8f-pt>

O Perigo da Idolatria Oculta

Testemunho: Marineide

Escrevo para quem talvez conheça o silêncio de um jejum e o ruído das tentações que às vezes vêm logo depois. Eu também precisei aprender, na prática, que jejuar não é só abster-se de algo: é vigiar o coração, especialmente quando a mesa das provas é posta ao final do dia.

Quando eu era casada, meu ex-marido e eu combinávamos uma senha para o jejum, um jeito discreto de lembrar que aquele tempo era entre nós e Deus. Aprendi assim que o inimigo não lê pensamentos, mas escuta o que a gente fala. Por isso o secreto importa tanto: há orações que nós proclamamos em voz alta — e bendito seja Deus por isso — e há orações que são só entre eu e Ele, no quarto, no silêncio, onde o Pai vê e recompensa. Nossa boca, eu descobri, é como uma porteira: que ela se abra para abençoar, não para dar espaço ao mal.



Naquela época eu morava em Jequié, numa casa simples, com piso de cimento antigo — parte vermelha, parte verde. Eu encerava aquele chão com cera vermelha até brilhar. No começo, sem enceradeira, no esforço do corpo; depois,

quando meu ex comprou uma, tudo ficou ainda mais lustroso. E foi aí que, sem perceber, dei a um piso o lugar que pertencia a Deus. Eu não chamava aquilo de idolatria. Mas era.

Quase sempre acontecia a mesma cena: eu terminava um jejum, pronta para entregar ao Senhor, e algo quebrava, algo caía, algo sujava o chão. Meu filho, criança, derramava um copo, um prato, um pedaço de fruta. E eu, cega de zelo pelo piso, gritava... e cheguei a bater no meu menino por causa daquilo. Até que um dia eu parei, cansada de repetir o mesmo erro, e disse: “Meu Deus, isso não está certo.” No íntimo, Deus falou comigo — creio que um anjo me corrigiu naquele instante: “Depois do jejum, você está judiando do seu filho, porque está dando mais valor ao chão do que ao Deus Todo-Poderoso.” Doeu. Mas foi a verdade que me libertou.

Decidi vigiar. Fiz algo de propósito: no dia seguinte, anunciei em voz alta que eu jejuaria. Eu sabia que o inimigo escuta o que dizemos e quis confrontar aquela armadilha. Cumpri o jejum. Ao final, preparei uma vitamina para o meu filho. Antes que ele levasse o copo à boca, o vidro escorregou. Caiu no chão. A mancha vermelha sobre o vermelho encerado pareceu gritar comigo. Mas, desta vez, foi diferente: bati o pé e declarei em voz firme: “Te peguei, Satanás! A partir de hoje você não vai me entender nem roubar a minha paz. Esta casa é do Senhor Jesus. Eu te ordeno: bata em retirada, agora!” Comecei a cantar, abracei meu filho, beijei-o, profetizei bênçãos sobre a vida dele e, sorrindo, limpei o chão. Naquele dia eu venci.

Depois disso enxerguei o que meus olhos não queriam admitir: eu havia transformado um cuidado legítimo em trono. Eu chegava a deixar um bilhete na porta pedindo para tirar os sapatos antes de entrar. Meu ex-marido, coitado, chegava cansado e precisava descalçar-se do lado de fora para não “profanar” o brilho do piso. Que contradição: honrar coisas e ferir pessoas; zelar pela casa e descuidar do coração. Nunca mais dei ao chão o primeiro lugar. Pertence a Deus.

Idolatria oculta é isso: quando algo bom toma o lugar do Melhor. Às vezes é um piso, às vezes é a aparência, a ordem, o trabalho, o celular, o ministério, a reputação — qualquer coisa que, sem percebermos, comece a governar nossas reações. O jejum revela quem manda. Não foi diferente com Jesus: Ele jejuou e, faminto, foi tentado. O inimigo ofereceu pão e atalhos. Depois do jejum vêm

bandejas. É aí que precisamos do discernimento do Alto para responder: “Em nome de Jesus, eu te rejeito. A honra e a glória pertencem ao Senhor.”

Aprendi também sobre o segredo e a boca. Se Deus me entrega algo para o secreto, eu guardo. Se Ele me chama a proclamar, eu abençoo. A Palavra na nossa boca tem peso de vida. Que nossas palavras fechem a porteira às ciladas e abram caminho para a graça.

Escrevo isto para alcançar você que talvez tenha se afastado do devocional, da oração, do jejum, da comunhão com a igreja. Volte. Não é tarde. O Pai espera por você no secreto e também no ajuntamento. Não permita que ofensas, cansaço, ocupações ou um “chão brilhante” lhe roubem do primeiro amor. Jesus continua chamando pelo seu nome. E, se a tentação vier logo depois que você entregar um jejum, não se escandalize: vigie e permaneça. Resista firme. Maior é Deus que está conosco.

Hoje eu renuncio a todo ídolo disfarçado que tente ocupar o trono que é de Cristo no meu coração e no meu lar. Abençoo meus filhos, minha casa, meus passos. Declaro, mais uma vez: toda a honra e toda a glória pertencem ao Senhor Jesus. E, se o inimigo tentar, não encontrará lugar. Que a paz do Senhor encha a sua casa como encheu a minha. Amém.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-f1ad545b-pt>

Mas um marmitex? Por que não dá?

Testemunho: Jurandir

Eu vinha do trabalho — lido com dinheiro — e caminhava aquele quilômetro e pouco até a estação de trem. Eu estava na pressa, no modo automático. E, no meio da pressa, sempre me atravessa uma dor quando vejo os carrinhos de papelão cruzando a cidade, gente subindo calçada, carregando peso que eu não sei de onde tiraria força. Quando é uma senhorinha, o coração da gente chega a arder: de onde vem tanta resistência?

Foi assim que ela me parou, com o carrinho de papelão ao lado: “Moço, você pode me pagar um marmitex?” Eu nem sei em que frequência eu estava. Respondi sem pensar: “Agora não dá, tô com pressa.” Desvencilhei e segui. Mas não dei três passos e aquela vizinha acendeu por dentro: “Por que que não dá?”



Parei seco. Voltei. Ela já tinha abordado outra pessoa, que estava visivelmente incomodada, quase cedendo, quase indo embora. Cheguei e disse: “Pode deixar, eu pago o marmitex dela.” “Sério, moço? Vai mesmo?” “Vou. Deixa comigo.”

Paguei. Ela sorriu como quem recebe vida. “Hoje eu não vou dormir com fome.” Aquilo me atravessou. Olhei ao redor, olhei para ela. O simples valeu ouro. Perguntei: “E pra beber? A senhora não pediu nada.” Ela, tímida: “Não, já tô

abusando demais.” “Pode pedir o que quiser.” “Então... eu queria Fanta uva. Eu gosto de Fanta uva.” Meu coração apertou. Uma refeição. Um refrigerante de uva. E tanta gratidão.

Eu gosto de frases, da verdade prática, do que a gente carrega pro dia a dia. E sei: se não fosse o Espírito Santo, eu teria passado batido — batidaço — sem prestar atenção. A Escritura diz que Jesus sabe o que há no homem. Eu tinha lido em Mateus 10: Ele envia a pregar e, ao mesmo tempo, alerta: cuidado com o homem. Penso nesse “homem” sem misericórdia, sem o olhar voltado ao outro. Não é sobre dar dinheiro a todo mundo. Não é sobre parar em todos os sinais. Mas há momentos que são especiais. Você sabe quando é Deus tocando.

Já vi gente na internet fazendo ações simples e diretas: encontra alguém vendendo bala, pergunta a história, entra no carro, vai até a casa, compra duas, três cestas, ajuda com o que dá. Alguns criticam, outros duvidam das intenções. Eu prefiro pensar: se alguém foi alcançado, não sou eu quem vai atirar a primeira pedra. O que me importa aqui é o olhar. A gente perde o olhar.

No corre-corre, a gente se blinda: “Não dá pra ajudar todo mundo.” É verdade. Mas Jesus olhou a multidão e se compadeceu porque estavam cansadas e exaustas. Há muita gente exausta que não precisa de muito. E, às vezes, o pouco que precisa está ao alcance da nossa mão — e da nossa pressa. Só que ficamos com uma trave nos olhos, indiferentes, automatizados. Até que a voz sussurra: “Por que que não dá?”

Talvez você veja alguém na porta do mercado e pense: “No fim do dia sai com mais compra que eu.” Pode ser. Pode não ser. Mas o que te custa um chocolate para a criança que está ali? Crescer com a lembrança de pedir na rua pesa. Machuca. Eu não estou aqui para resolver todos os dilemas, só para contar que, por distração e pressa, eu quase perdi um encontro simples — e santo.

Um marmitex. Uma Fanta uva. Uma alegria que reacendeu em mim a compaixão que eu vinha deixando escorrer pelas frestas do cotidiano. Que eu viva com um novo olhar, sintonizado na frequência do Espírito Santo. E que, quando o Pai sussurrar “Por que não dá?”, eu tenha a coragem de voltar e amar. Amém.

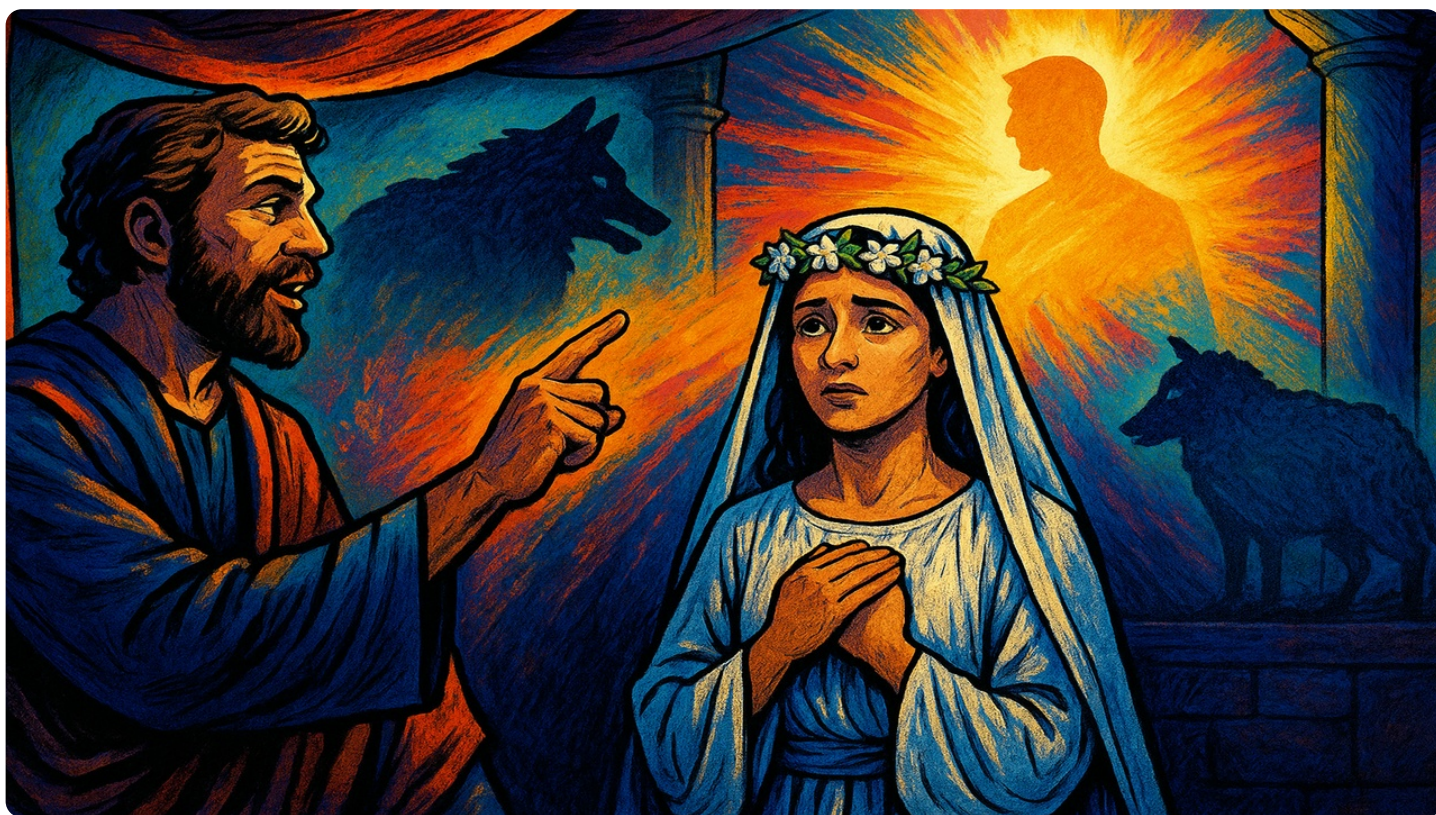
Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-078eb8ab-pt>

Quem é o amigo do Noivo?

Testemunho: Samuel

Aprendi algo antigo que queimou meu coração. Entre os judeus, nas celebrações de casamento, o noivo e a noiva não se encontravam antes. Para preparar o coração dela, o melhor amigo do noivo ia até a noiva. Ele se sentava, olhava nos olhos e falava: “Seu noivo é assim. Ele tratará você assim.” Esse amigo, com palavras, pintava o rosto do noivo no coração da noiva. Seu papel não era brilhar, nem conquistar; era fazer com que ela se apaixonasse pelo noivo, contando quem ele era.

Quando compreendi isso, tudo dentro de mim se alinhou: Jesus é o Noivo, a Igreja é a noiva, e o pastor é o melhor amigo do Noivo. O chamado do pastor é simples e sagrado: falar das maravilhas de Jesus, narrar Sua beleza, Sua graça, Seu caráter, até que a noiva suspire de amor por Ele. O amigo verdadeiro some por trás da mensagem; ele não disputa palco com o Noivo, não exige aplauso, não toca trombeta para si. Ele aponta, sempre, para Alguém maior do que ele mesmo.



Mas há um perigo que me faz tremer: quando o amigo se encanta pela noiva e puxa a glória para si. Quando a atenção que deveria subir ao Noivo para e se acumula no peito do amigo, algo se corrompe. A aparência pode ser de ovelha, a

fala pode soar mansa, mas por dentro cresce um lobo roubador. É assim que surgem os falsos profetas: às vezes começam realmente desejando honrar o Noivo, mas, com o tempo, apaixonam-se pela noiva, cobiçam o afeto dela, e se perdem. Roubar a noiva do Noivo é roubar a glória que nunca pertenceu a nós.

Diante disso, faço uma oração que me atravessa: Senhor, não me deixes roubar Teu lugar no coração de ninguém. Se minhas palavras não aumentarem o amor da noiva por Ti, que eu prefira o silêncio. Se meus passos não conduzirem a Ti, que eu mude de caminho. Quero ser apenas amigo do Noivo: aquele que fala, aponta, e desaparece, para que o Noivo apareça.

E a você, que lê estas linhas, eu digo com cuidado e amor: não se apaixone pelo amigo. O amigo tem limites; o Noivo, não. O amigo pode falhar; o Noivo, não. O amigo é ponte; o Noivo é destino. Se alguma voz lhe causar mais admiração por quem fala do que por Aquele de quem se fala, suspeite. O verdadeiro amigo do Noivo faz você sair da conversa pensando menos nele e muito mais em Jesus.

Hoje, decido meu lugar. Não quero ser ídolo, nem referência, nem centro; quero ser seta. Quero que, ao fim, baste dizer: “Olhe para Ele.” Pois só o Noivo merece a noiva, só Ele merece a glória, só Ele é digno do amor que salva, cura e mantém de pé. Que a Igreja, noiva amada, guarde o coração para Jesus. Que os pastores, amigos do Noivo, permaneçam fiéis ao encargo de contar sobre Ele. E que todo o aplauso chegue ao lugar certo: nas mãos daquele que é, e sempre será, o Noivo.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-941866b6-pt>

Bolas de fogo do céu me trouxeram para Jesus!

Testemunho: Thamyres

Ainda vejo como se fosse agora: eu estava numa estrada, de um lado corria um rio e, do outro, a pista seguia adiante. Só eu e minha filha de dois anos e pouco. De repente, o céu começou a cuspir bolas de fogo. Elas caíam, e os carros que passavam capotavam na pista. Eu corria com a minha menina no colo, procurando qualquer buraco para nos esconder, um abrigo que fosse. Nada. Não havia onde entrar, não havia quem ajudasse. Só medo e urgência. Acordei. E aquele sonho grudou no meu coração como uma revelação de Deus.



Não contei logo para ninguém; primeiro eu escutei por dentro. Entendi que Deus me mostrava algo que doía admitir: daquele jeito, eu não teria como proteger minha filha. Eu estava no mundo — festas, bebida, muita bebida — e morava com alguém sem ser casada. Eu fazia coisas erradas, e não queria criar minha filha naquela travessia torta. Eu conheci a Palavra cedo; sempre temi a Deus. E enquanto lembrava das bolas de fogo, uma pergunta me atravessava: se Jesus vai voltar e tudo isso vai passar, como vou guardar minha filha se eu mesma estou fora do abrigo?

Minha menina ia fazer três anos. Eu não queria criá-la na porta de bar, nem com exemplos e vestes que eu não desejava ver nela. Eu não voltei para Jesus pela dor; voltei pelo temor. Voltei porque quando a gente vira mãe, entende: a própria vida a gente até expõe, mas a dos filhos, não. Eu sabia que a salvação é individual, mas também sabia que o meu caminho abriria veredas para os pés dela.

Fiquei treze anos afastada. Hoje, ela tem treze. Às vezes ela não quer ir, mas eu digo: vai. Eu fui criada assim. Minha mãe nem ia à igreja, mas dizia: vai para a igreja. E foi por ter conhecido que eu voltei; porque mesmo quando eu não queria, eu ia, e a semente ficou. Esse foi o caminho que escolhi para minha filha. Foi isso que Deus me revelou naquele sonho: se eu não voltasse e não a criasse no Senhor, eu não teria como protegê-la.

Os sonhos ainda importam. Há sonhos que passam, e há sonhos que chamam a gente pelo nome. Aquele me chamou. E eu respondi, lembrando da verdade que sustenta o meu coração: Jesus Cristo, inocente, pagou por todos os nossos pecados. Nele, encontrei o único abrigo que o fogo do mundo não consome.

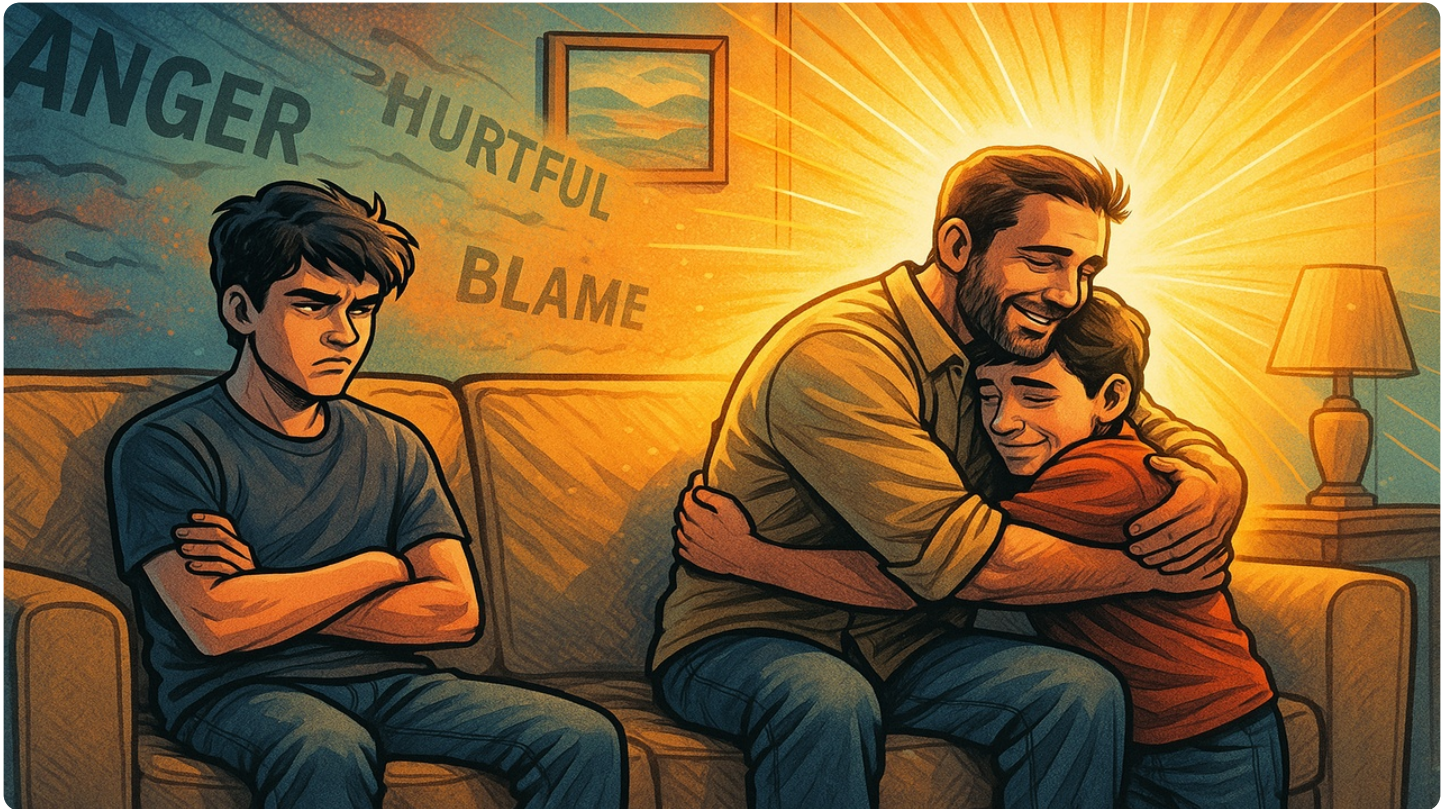
Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-cb651b8c-pt>

Por que devo perdoar?

Testemunho: Samuel

Ontem, sentei-me ao lado do meu filho. Ele estava emburrado. Como quem abre uma porta com cuidado, pedi: "Pode falar, o que está acontecendo?" Depois de um longo silêncio, veio a frase que me atravessou: "Eu não confio em você. Se eu falar, você vai brigar comigo."

Ele foi puxando do peito lembranças e mágoas. Em cada episódio, reconheci uma tentativa sincera de educar que, por vezes, virou peso. Às vezes não atendi a vontade dele. Outras, passei do limite. Minha mão ficou mais pesada do que deveria — não no gesto, mas nas palavras.



Por dentro, fiz a oração mais simples que sei: "Deus, ilumina-me. Dá-me as palavras certas para instruí-lo." Nossa conversa se voltou inteiramente para a misericórdia. Contei que, quando eu tinha a idade dele, achava que meus pais tinham de ser perfeitos; e que, se algo me desagradava, concluía que eram maus comigo. Mas não. Eles também não sabiam tudo. Também estavam aprendendo. Também eram imperfeitos — como eu, como ele.

Convidei meu filho a olhar com piedade para o pai e para os avós. "Eles também erraram", eu disse. "Os avós que hoje te parecem tão bondosos nem sempre

foram assim. E eu também já tive 14 anos, como você tem agora. Você não ficará nos 14 para sempre; a gente cresce, amadurece." Pedi a Deus que me conceda, um dia, um coração tão bondoso quanto o dos avós dele; e que ele, lá na frente, alcance a percepção que hoje estou tendo.

Falei do perdão como caminho. Deus não nos colocou aqui para errarmos à toa; há propósito até nas nossas quedas. Ele nos ensina misericórdia, nos forma no amor, nos treina a olhar o próximo pela lente da imperfeição — e não da exigência de perfeição. Por isso, precisamos aprender a nos perdoar quando falhamos e a perdoar quem falha conosco.

Disse a ele: "Quando alguém errar com você, não levante um tribunal de julgamento cruel. Escolha um olhar misericordioso, crente de que o outro, muitas vezes, está oferecendo o melhor que consegue hoje. Nós também erramos. Quanto mais cedo essa percepção entrar na vida, mais sabedoria se adquire — e mais alto nessa montanha da vida a gente sobe." Pela Palavra, Deus vai nos revelando isso, e podemos levar essa compreensão para dentro de casa, entre crianças e adultos.

Com essa visão, o amor transborda onde antes havia dureza. Em vez da força pesada, da palavra raivosa, da ira e da amargura — coisas que não vêm de Deus — brotam misericórdia, amor e ternura. Os desafios não são acaso: carregam propósito nas mãos de Deus.

Glória a Deus: quando terminamos, o rosto do meu filho estava outro. Ele saiu dali feliz, amando-me, abraçando-me e podendo me perdoar. Eu o apertei de volta, perdoado e perdoando, e agradei em silêncio. O perdão não reescreve o passado, mas acende o caminho à frente — e é nesse caminho que quero andar com ele.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-90e96e9d-pt>

Quando o orgulho cai, a graça entra!

Testemunho: Mario

Eu me vejo no ladrão da cruz. Ele reconheceu que merecia estar ali. Eu também já carreguei culpas que não cabem nos bolsos. Mas ele fez algo que mudou tudo: levantou os olhos para Jesus e disse: 'Senhor, lembra-te de mim quando entrares no teu Reino.'

Ninguém sabia ao certo o que ele tinha feito. O passado dele era um deserto de erros sem legenda. Mas bastou um reconhecimento, uma confissão sem maquiagem, para que a resposta do Céu descesse como uma promessa eterna: 'Hoje estarás comigo no Paraíso.' Que coisa maravilhosa.



O que causou a mudança? Não foi um currículo religioso. Foi arrependimento. Foi admitir: 'Eu errei.' Um coração assim abre passagem onde não há estrada.

Eu conheço a voz do orgulho. Ela empaca, justifica, enrola, faz discurso: 'porque é o seguinte...' — e não cede. Mas diante da cruz não há palco para o nosso ego. Nós não somos nada. Nascemos nus e nus voltaremos. Tudo aqui é do Senhor.

Quando o orgulho cai, a graça entra. Foi assim com o ladrão; é assim comigo, é assim com você. Não é tarde enquanto há fôlego. Um olhar sincero para Jesus, uma súplica verdadeira, e o impossível se abre.

Hoje eu escolho o caminho da rendição. Deixo o orgulho, largo a ganância, e digo com o coração quebrantado: 'Senhor, lembra-te de mim.' Ele continua respondendo com a mesma misericórdia: 'Hoje estarás comigo no Paraíso.'

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-b8b7ab2c-pt>

Ajuntando ou espalhando?!

Testemunho: Lucinha

A internet é um advento admirável. Mas, diante da minha tela, tenho visto um redemoinho de querelas, futricas e fofocas. Meu Deus, quanta energia gasta para ferir! O que mais me entristece é perceber líderes renomados, que poderiam estar falando do Reino e dançando a música do Evangelho, ocupados em manchar a imagem do outro. E eu me pergunto: quem é maior, quem é menor no Reino dos céus? Mateus 11:11 ecoa na minha consciência e me chama de volta à sobriedade.

Falo com o coração apertado, porque já estendi a mão a alguns desses pastores — e precisei recuar quando vi que seus erros começavam a separar pessoas. Isso é ruim para o Evangelho. Em vez de ajuntar os pintinhos debaixo da asa, como Jesus falou, espalham. A Palavra é clara e taxativa: ai daquele por quem vier o escândalo. Escândalo fere, confunde, esfolta o testemunho e empurra os frágeis para longe do abrigo.



Vejo nisso um contorno profético. Não me surpreende ler, mais adiante, em Mateus 24, que dias assim viriam com suas dores, frieza e enganos. E, para piorar, muita briga entre nós tem viés político. Mas Jesus se esquivou da política terrena;

quiseram fazer dele um libertador contra o jugo romano, e Ele mostrou que o Reino de Deus é outra coisa — não é deste mundo.

Quando quem se diz pastor se enreda nisso, perde o foco do chamado. Romanos 13 me lembra: toda autoridade é constituída por Deus, independentemente de quem a pessoa seja. Deus põe lá quem Ele quer. O meu papel? Orar para que governem bem. Se não prestarem, prestarão contas a Deus — como qualquer pastor prestará contas do que faz com aquilo que recebe. Não cabe a mim julgar o coração; cabe a cada um comparecer diante do Justo Juiz. Se fizer certo, será aceito; se fizer errado, o pecado está à porta. Ainda assim, Deus é bom e oferece chance de arrependimento, de voltar e fazer o certo.

Por isso insisto: vale a pena um retorno. Retorno à Palavra. Retorno à comunhão. Reconhecer quando nos aventuramos por um caminho que não era bom, quando ultrapassamos limites — e nos arrepender. Ouço de novo a advertência do Mestre: deixem que os mortos enterrem os seus mortos. Eu quero seguir o Vivo.

No fim, a pergunta que me atravessa é simples e afiada: estou ajuntando ou espalhando? Na rede e fora dela, que as minhas palavras sirvam para reunir debaixo das asas de Cristo; que o meu tempo seja gasto anunciando o Reino; que a minha vida dance a música do Evangelho. Que eu não seja motivo de tropeço, mas sinal de paz. Cada um faça a sua parte — e que a nossa parte seja amar, orar, servir e ajuntar.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-e1f5f5db-pt>

Coincidência ou Resposta de Deus?

Testemunho: Samuel

Apreendi que Deus se importa até com as balanças. Ele pesa intenções, escolhas e passos. É nos detalhes que Ele me encontra — e me confronta. Dias atrás, isso ficou claro de um jeito que ainda arde no meu coração.

Conheci um rapaz na academia. Camisa do Brasil, sorriso simples, recém-chegado na cidade. Puxei conversa, perguntei sobre Jesus, sobre igreja. Ele disse que já estava indo a uma. Trocamos telefone. No dia seguinte, mandei mensagem: vamos jogar pickleball? Combinado. A quadra ficava num condomínio aberto, ao lado de casa. Parecia fácil, prático, inocente.



Mas, antes de irmos, a consciência começou a falar. O Espírito Santo me incomodou: é certo usar uma quadra que não é minha? Tudo aberto, ninguém ia notar. E, afinal, eu queria evangelizar. Racionalizei: Deus vai se alegrar com o propósito, não vai? Melhor pensar na alma do rapaz do que nas formalidades, certo? Entre motivos nobres e atalhos discretos, meu coração tentou calar aquela voz mansa que pedia inteireza.

Fomos. No caminho, ele perguntou onde jogaríamos. Respondi que seria no condomínio ao lado, e o incômodo voltou, insistente. Quando chegamos, surpresa:

um cadeado brilhava no portão. Nunca vi aquele portão trancado daquele jeito. Só morador podia abrir. Fiquei sem graça. Ele sugeriu: vamos jogar tênis, então? Poderia ser em outra quadra. Passamos em casa para pegar as raquetes. Ali, na minha sala, ele orou por mim e pela minha casa, pedindo que Deus enchesse aquele lugar. Disse, com simplicidade: vejo aqui uma célula grande, muita gente reunida. Amém.

Seguimos para a segunda quadra. Mais de dez anos de uso, sempre aberta. Naquele dia, também trancada. Outra corrente, outro aviso silencioso. Voltei para o carro com um nó na garganta. Confessei: ontem, quando te chamei, o Espírito Santo me incomodou. Eu quis crer que o fim justificava o meio. Quis evangelizar passando por cima de um detalhe que Deus pesava como essencial.

Deus estava ali. Não para me condenar, mas para lapidar meu discernimento. Fechou portas que eu jamais vi fechadas, não para humilhar, e sim para lembrar: integridade não é detalhe descartável. É resposta de amor. Ele vê o que ninguém vê. Ele cuida do miúdo para formar em mim um coração inteiro.

Entendi que não se trata de medo, nem de culpas acumuladas. Trata-se de ouvir a voz que sussurra no pequeno antes de correr atrás do grande. Ele é Pai. Ele guarda meus passos, alinha meus motivos, quebra minha incredulidade e me chama para um caminho mais limpo. Se Ele age assim no mínimo, o que não fará no máximo?

Voltei para casa agradecido. Pedi olhos novos para reconhecer o cuidado dEle nas esquinas discretas do dia. Pedi coragem para escolher o que O honra, mesmo quando ninguém está olhando. Pedi santidade que comece nos bastidores, onde só Ele e eu sabemos a verdade. Porque a fé que não alcança os detalhes ainda não alcançou o coração.

E, acima de tudo, me agarrei à razão da minha esperança: Jesus Cristo, inocente, pagou por todos os nossos pecados. É da Sua graça que nasce a integridade. É do Seu perdão que brota a coragem de recomeçar. Se hoje você ouve essa mesma voz mansa, não endureça. Deixe que Deus pese suas balanças. Nos detalhes, Ele faz a diferença — e em Jesus, Ele já fez tudo por nós.

Assista ao testemunho: <https://godmakes.com/s/book-a34ceeae-pt>

Participe conosco!

Participe do grupo de WhatsApp do GodMakes e visite o site para acompanhar novidades, estudos bíblicos de cada capítulo e livro da Bíblia, conhecer as missões que apoiamos, contribuir e também ler novos livros.

Escaneie o QR Code para entrar no grupo devocional:



Link do grupo devocional no WhatsApp:

<http://tiny.cc/devocional>

Site: <https://godmakes.com>